# Sobre Jornalistas e Escritores

*Alexandre Vieira aperário gráfico dos mais cultos e escritor e jornalista de larga audiência, antigo director do extinto diário «A Batalha», que foi órgão da Confederação Geral do Trabalho Portuguesa, acedeu amàvelmente ao nosso pedido de nos falar de escritores e jornalistas, com quem tem convivido.*

*Carácter íntegro e homem de uma coerência de princípios que pode servir de exemplo, são sempre interessantes as declarações de Alexandre Vieira, tipógrafo que conviveu com muitos escritores e jornalistas do começo deste século.*

*Eis o que ele nos disse:*

Se bem que me fosse agradável corresponder ao seu convite, é-me difícil fazê-lo presentemente, pois sendo a matéria de que, em regra, me ocupo, tanto em jornais como em brochuras, considerada de natureza inconformista — não obstante não inventar, e tanto assim que invariàvelmente assumo a responsabilidade inteira do que escrevinho —, é com constrangimento, a *contre-coeur*, como dizem os franceses, que geralmente escrevo. Assim, não recorri, para a publicação das minhas quatro brochuras, a qualquer das editoriais existentes, apesar de contar amigos nalgumas delas, pois, na melhor das hipóteses, a que correspondesse a um pedido que lhe formulasse nesse sentido estaria sujeita a receber a indicação de que uma ou outra de tais brochuras não poderia circular livremente, motivo por que foram lançadas sob a responsabilidade do autor, que sendo um paroquiano que vive da insuficiente remuneração que levanta como *mata-gralhas*, se abalançou a editá-las, apenas confiado na solidariedade de bom número de confrades, o que significa, além do mais, que os assuntos nelas versados não lhes são indiferentes, antes pelo contrário.

— Acaso tem surgido qualquer percalço relativamente à expansão dos seus livros?

— Quanto aos três primeiros: *Em Volta da Minha Profissão*, *Figuras Gradas do Movimento Social Português* e *Como se revêem provas tipográficas* (este de colaboração com um colega), nada ocorreu de anormal. Já o mesmo, porém, não sucedeu em relação ao último: *Delegacia a um Congresso Sindical*, no qual relato, aliás em prosa insípida, uma parte — fixe bem: uma parte — do que observei, como delegado do então Sindicato dos Compositores Tipográficos de Lisboa, no Congresso Internacional a que assisti. Mas, pela força das circunstâncias, aquele relato era tão insosso que só para não deixar de cumprir a promessa que fi-

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS UNIVERSIDADE DE LISBOA

2

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

zera, quando do meu regresso, aos colegas que constituíam a Direcção do Sindicato, é que me desobriguei do compromisso. Pois apesar de os meus dizeres nada apresentarem de apologético, nem de subversivo (tive até a preocupação de não pôr no frontispício da brochura o nome do país onde se efectuou a magna reunião) alguns jornais da tarde, ao acusarem o recebimento do livreco, fizeram-no em termos ambíguos, pelo que se adivinhava que estavam receosos. Que não lhes escasseava razão prova-o a circunstância de os matutinos não haverem acusado sequer o recebimento da brochura e, mais do que isso, o informe, que pela direcção dum deles me foi dado, de ter a redacção sido convidada a não dizer nem mal nem bem daquela, isto é, a ignorar o seu aparecimento.

— Não obstante, sabemos que o livro apareceu nas livrarias.

— Não há dúvida que o mandei, à consignação, para algumas delas, mas passou despercebido aos habituais compradores, pois os livreiros, talvez por não acharem qualquer interesse à brochura, no que aliás tinham razão, meteram os aludidos exemplares num cacifo que não dava nas vistas.

— E pelo que concerne à sua colaboração para os jornais, é pelo motivo que expôs a princípio que escreve pouco?

— O meu amigo está a interrogar-me em tais termos que parece querer dar a impressão de que sou um homem de letras. Que sou homem de letras, não sofre dúvida, mas por as haver manuseado durante mais de meio século como tipógrafo, que é a minha profissão madre, e, posteriormente, por vir corrigindo as provas dos meus colegas. Se tenho escrito em jornais, e até dirigido alguns, de carácter operário, há que ajuntar, não é por ser pròpriamente jornalista, para o que me escasseia cultura, mas, na maioria dos casos, por a minha condição de trabalhador gráfico me ter aproximado dos homens que dirigem os jornais. E foi um pouco pela mesma razão que na grande greve dos profissionais da Imprensa, em 1920 — da qual participaram redactores, pessoal das administrações, revisores, compositores e impressores tipográficos — que eu, sendo, ao tempo, além de redactor-principal do diário *A Batalha*, delegado da saudosa Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal (em que o Sindicato dos Trabalhadores de Imprensa estava federado) — desempenhei pa-

3

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

pel activo nesse movimento, como um dos componentes do comité dirigente, motivo por que, ao findar a longa greve, tive de ingressar num Sanatório, com os pulmões sèriamente avariados.

E, prosseguindo, Alexandre Vieira, concluiu:

— Já agora deixe-me acrescentar que isto de ser jornalista é profissão que considero muitíssimo séria, pois não é jornalista quem quer, mas quem tem bagagem para tanto, razão por que uma criatura nas minhas condições não pode ser considerada como tal, tanto mais que a técnica de fazer jornais operários diverge, por motivos óbvios, da que se adopta nos quotidianos destinados ao público em geral. Um jornalista pròpriamente dito tem de possuir conhecimentos enciclopédicos, de estar apto a discorrer com proficiência sobre os mais variados problemas que o chefe da redacção põe ao seu exame. Embora lhe pareça que digo uma barbaridade, acho mais difícil ser jornalista *de verdad* do que escritor (desde que não se trate de escritor ecléctico, é claro), porquanto se o homem que escreve livros o faz como memorialista, conforme é o meu caso, o que ele narra anda em volta de episódios que conhece por experiência própria, por os ter vivido, o que, como sabe, é diferente de criar, de conceber. Todavia, ninguém ignora que das classes trabalhadoras têm saído elementos que, se fizeram boa figura nos jornais operários, deram também excelente conta de si ao ingressarem no jornalismo profissional. Figuram nesse número, entre outros com quem contactei: Norberto de Araújo, Artur Inês, Luís Consiglieri Sá Pereira, Mário Domingues, Cristiano Lima, David de Carvalho e Alfredo Marques, os cinco últimos saídos «d'A Batalha» e que tiveram por mestre Pinto Quartim.

4